

## Os Escribas da Cidade: o Fisiólogo, o *Flâneur* e o Jornalista<sup>1</sup>

Jeana SANTOS<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

### Resumo

Propomos neste artigo, e tomando como base a temática da Intercom 2015 – Comunicação e Cidade Espetáculo – fazer uma análise da transposição do espaço privado para o público, mediado pelo olhar dos primeiros escribas da urbe: o fisiólogo (fisiologista), o *flâneur* e o jornalista. Tais tipos, enquanto caminhantes de uma metrópole que se modernizava, documentaram personagens, fatos, modas, costumes, ruas e espaços urbanos. No contexto brasileiro tal experiência pioneira deu-se, sobretudo, no Rio de Janeiro da virada do século XIX para o XX, cidade essa que abarca parte importante do imaginário nacional e que inauguraria um *ethos* presente até os dias atuais. Analisando esses personagens aparentemente díspares no *tempo*, pretendemos aproximá-los no que tinham de comum: a ode ao *espaço*. Na reconstituição de suas andanças pela cidade veremos que cada um traz em si a forma primeva do outro.

**Palavras-chave:** história do jornalismo; literatura; narrativa urbana; crônica

### Considerações iniciais

“Essa história começa ao rés do chão, com passos”, afirma Certeau (1994, p. 176) ao reportar-se a uma retórica da caminhada que é similar ao ato de falar. “O ato de caminhar está para o sistema urbano, como a enunciação (o *speech act*) está para a língua ou para os enunciados proferidos” (CERTEAU, 1994, p. 177). Nosso artigo também começa ao rés do chão, pensando nos deslocamentos que se processam no asfalto, nos itinerários urbanos, nas vias que conduzem de um lugar ao outro, no movimento que aproxima uma pessoa da outra e onde muitas histórias se processam.

Mas a relação do indivíduo com a cidade e com este outro caminhante da cidade nem sempre fora de mansidão. Houve um tempo em que se deixar desalojar da casa burguesa para perfazer o itinerário urbano era fonte de angústia e medo. A cidade, tal qual uma floresta recheada de perigos ou um campo de batalha entre estranhos, era motivo de temor. Daí que surgem, no final do século XIX em Paris, os fisiologistas ou fisiólogos,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC, e-mail: [jeanasantos@terra.com.br](mailto:jeanasantos@terra.com.br)

escrevinhadores encarregados de dar uma visão mais amistosa do estranho que se aproximava, adivinhando o tipo, a profissão, o caráter de quem vinha lá.

Tal tipo seria posteriormente substituído pelo *flâneur*, este caminhante que faz um itinerário aleatório pela cidade familiar para torná-la estranha ou vice-versa: tornar o que se configura como estranho na cidade, familiar.

Se para o *flâneur* moderno “a cidade é o autêntico chão sagrado” (BENJAMIN, 1994a, p. 191), assim também seria para outro tipo que iria derivar dos caminhantes anteriores: o jornalista. Não foi a toa que Benjamin chegou a proclamar que a base social da *flânerie* é o jornalismo. Ambos vagueiam pela cidade na intenção de decifrá-la no que tem de anódino e também de familiar. Ambos, após exaustiva caminhada, sentam-se em um café com seus blocos de apontamentos para observar, tal qual um detetive, o movimento da urbe produtora de notícias, chistes, fofocas e tendências.

Essa forma primeira de jornalista encontrou sua máxima representação no cronista da virada do século XIX para o XX e seu traçado mais emblemático nas ruas estreitas de um Rio de Janeiro que almejava ser Paris, imitando desde a indumentária fria (*paletots*, fraques, suspensórios, sobrecasacas, chapéus, cartolas, luvas) até o gosto pela caminhada diária no bojo da multidão.

Buscamos neste artigo, e tomando como base a temática proposta pela Intercom 2015 – Comunicação e Cidade Espetáculo – fazer uma fisiologia destes três tipos (o fisiologista, o *flâneur* e o jornalista), resgatando em seus perfis aquilo que os unia: o amor à cidade. Veremos que o fisiólogo deu lugar ao *flâneur* que, por sua vez, deu lugar ao jornalista. Resgataremos na mirada inaugural do fisiologista e do *flâneur* sobre a cidade o que persiste tal qual ruína na prática jornalística moderna, sobretudo em dois gêneros ainda atuais: a crônica e o perfil.

Nos passos aleatórios destes caminhantes pioneiros do sistema urbano toda uma enunciação que ainda projeta seus indícios na prática jornalística contemporânea.

### **O fisiólogo (fisiologista)**

Quando o indivíduo transpôs os umbrais da casa burguesa para se aventurar nas ruas da cidade grande deparou-se com um tipo de gente que não era mais alguém de seu círculo próximo ou de sua própria família. O crescimento das cidades fez com que os sujeitos passassem a conhecer uns aos outros “como devedores e credores, como vendedores e

fregueses, como patrões e empregados – sobretudo como concorrentes” (BENJAMIN, 1994a, p. 37).

No bojo desta desconfiança mútua e para afastar tais noções inquietantes é que teria surgido a “literatura panorâmica” que teve seu auge no século XIX em Paris. Conforme Benjamin (1994a, p. 33), dentro deste gênero havia os fascículos em formato de bolso chamados de “fisiologias” que se ocupavam da descrição de tipos humanos que circulavam nas feiras, desde o vendedor ambulante até o homem elegante que frequentava a ópera. Mais tarde dedicar-se-iam à consagração da cidade, perfilando suas ruas, seus panoramas (*Paris à Noite, Paris à Mesa, Paris a Cavallo*) e seus costumes (*Fisiologia do Casamento, Fisiologia do Gosto, O Diabo em Paris...*).

A partir das fisiologias, a vida pequeno-burguesa – com seus tipos, hábitos, costumes, lazeres, profissões – era passada em revista. Como o objetivo era aplacar o mal-estar da vivência na grande cidade, tal literatura precisava ser leve e inofensiva, uma vez que a multidão assustava pela sua impessoalidade, a vida era cada vez mais pública, e o vizinho era sempre ameaçador. Diante deste desconforto era importante dar às pessoas uma imagem amistosa umas das outras. Caberia, então, aos fisiologistas conhecer e catalogar a natureza humana, adivinhando a profissão, o caráter, a origem e o modo de vida dos transeuntes (BENJAMIN, 1994a, p. 36). Ao fazerem isso, “então a vida na cidade grande não seria nem de longe tão inquietante como provavelmente parecia a cada um” (BENJAMIN, 1994a, p. 37). Conforme o filósofo alemão, se não fosse pelo desejo de dissipar tal inquietude a existência destes livretes jamais teria vingado.

E, de fato, não vingaria por muito tempo. As fisiologias foram logo ultrapassadas e “à literatura que se atinha aos aspectos inquietantes e ameaçadores da vida urbana estava reservado um grande futuro” (BENJAMIN, 1994a, p. 38). Tal literatura ainda falaria sobre as massas, mas atuaria de modo diferente das fisiologias. A ela não importaria tanto a determinação de tipos, mas o quanto um tipo pode se esconder na massa da cidade grande. E foi assim que, segundo Benjamin (1994), teria surgido o romance policial que também colabora na fantasmagoria da vida parisiense. Não glorificaria o criminoso e sim o terreno onde se desenrola a caçada: a cidade. Alguns exemplos trazidos pelo autor: *Os Moicanos de Paris* (Balzac), *Os Mistérios de Paris* (Féval), *Os Crimes da Rua Morgue* (Poe), *A Carta Roubada* (Poe), *O Homem da Multidão* (Poe).

O conteúdo do romance policial seria a supressão dos vestígios do indivíduo na multidão da cidade grande e o aproveitamento de informações jornalísticas no

desvendamento de crimes. “Um homem se torna tanto mais suspeito na massa quanto mais difícil é encontrá-lo” (BENJAMIN, 1994a, p. 45). E, “em tempos de terror, quando cada qual tem em si algo de conspirador, o papel do detetive pode também ser desempenhado”.

E, para desempenhar este papel melhor do que o *fisiólogo*, Benjamin apostaria na *flânerie* por oferecer melhores perspectivas.

### **O *flâneur***

O *flâneur* enquanto um detetive possui a vigilância de um observador que não perde de vista o malfeitor no meio da massa e desenvolve formas de reagir convenientes aos ritmos da cidade grande (BENJAMIN, 1994a, p. 38). Para ele, estar na rua é estar em casa.

A rua se torna moradia para o *flâneur* que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom quanto a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apoia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente (BENJAMIN, 1994a, p. 35).

Mas embora a rua fascinasse, ela também assustava. Como não se podia andar a passeio por todos os pontos da cidade sem correr riscos, surgiram as galerias que eram passagens entre blocos de casa, cujos proprietários instalaram elegantes estabelecimentos comerciais. Nesse “mundo em miniatura” o “*flâneur* está em casa” (BENJAMIN, 1994a, p. 35). Não é a toa que o *flâneur* só se consolidaria em Paris quando foram construídas na cidade cerca de 30 galerias cujos espaços intermediários entre a casa e a rua possibilitavam às pessoas caminhar, olhar, folgar, “gastar” o tempo. Tanto que o *flâneur* confrontava o ritmo veloz da cidade moderna levando literalmente uma tartaruga para passear. Segundo Benjamin (1994a, p. 199), essa ociosidade seria uma forma de mostrar resistência à divisão do trabalho.

O *flâneur* seria, então, para Benjamin, um tipo importante para se entender a metrópole incipiente da modernidade no século XIX, “porque aponta para a posição central da locomoção na vida social: ele é constantemente invadido por ondas de experiências novas e desenvolve novas percepções enquanto cruza a paisagem urbana e as multidões” (FEATHERSTONE, 1996, p. 189).

Isso se verifica na descrição de Benjamin sobre a importância do ato de flânar:

Uma embriaguez acomete aquele que longamente vagou sem rumo pelas ruas. A cada passo, o andar ganha uma potência crescente; sempre menor se torna a sedução das lojas, dos bistrôs, das mulheres sorridentes, e sempre mais irresistível o magnetismo da próxima esquina, de uma massa de folhas distantes, de um nome de rua (BENJAMIN, 1994a, p. 186).

Arantes (2000) também vê similitudes entre os passos do caminhante e a enunciação. Para ele, o caminhante atento não costura com seus passos pontos desconexos e aleatórios da paisagem, mas se arrisca, cruza umbrais, ordena diferenças, constrói sentidos, posiciona-se. E completa: caminhar pela cidade é decifrar, através do movimento, um palimpsesto. Algo que Benjamin (1994a, p. 203) já intuía: “A cidade é a realização do antigo sonho humano do labirinto”. Em outra passagem, desta vez de *Rua de Mão Única*, fala da arte de saber perder-se:

Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. Nesse caso, o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfileiro. Essa arte aprendi tardiamente; ela tornou real o sonho cujos labirintos nos mata-borrões de meus cadernos foram os primeiros vestígios (BENJAMIN, 1994b, p. 73).

Da mesma forma para Certeau (1994, p. 177-178) o caminhante atualiza a ordem espacial composta de possibilidades e proibições. Ele transforma em outra coisa cada significante espacial, selecionando, deslocando, desviando, atualizando os lugares, suas permissões e interditos. “A caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita etc., as trajetórias que ‘fala’” (CERTEAU, 1994, p. 179), não se podendo, portanto, reduzi-la a seu traçado gráfico. A caminhada seria então um espaço de enunciação, o que fez com que Certeau visse paralelismos entre a enunciação lingüística e a enunciação pedestre. Tal enunciação criaria “algo descontínuo, seja efetuando triagens nos significantes da ‘língua’ espacial, seja deslocando-os pelo uso que faz deles” (CERTEAU, 1994, p. 178).

Featherstone (1996, p. 186), na mesma direção, assinala que o *flâneur* não seria apenas aquele que perambula pela cidade. A *flânerie* seria um método de leitura para extrair sentidos da cidade e também um método de escrita, de construção dos textos. Algo que Benjamin entendia muito bem, uma vez que não só investigava a cidade, mas também a

usava como princípio organizador de seu material: “O texto é a cidade” (FEATHERSTONE, 1996, p. 186).

Em *Rua de Mão Única* Benjamin levaria essa premissa ao extremo ao montar o livro com uma série de aforismos que lembram as ruas de uma cidade: “posto de gasolina”, “oculista”, “antiguidades”, “número 13” etc. Ele próprio, ao descrever Paris, utiliza a cidade como metáfora de um livro:

De todas as cidades não há nenhuma que se ligue mais intimamente ao livro que Paris. Se Giradoux tem razão e se a maior sensação de liberdade humana é flânar ao longo de um curso de rio, então aqui a mais completa ociosidade, e portanto a mais prazerosa liberdade, ainda conduz livro e livro adentro. (...) Paris é um grande salão de biblioteca atravessado pelo Sena (BENJAMIN, 1994b, p. 195).

Todavia, se o *flâneur* para Benjamin interpretava e reinventava a cidade como se ela fosse um texto (uma biblioteca), o que sobraria da *flânerie* criadora quando os *folders* dos guias turísticos passam a ditar a cidade? Ou em que medida, pergunta-se Featherstone (1996, p. 190), “o *flâneur* é ainda significativo atualmente?”. E acrescenta: “Deveríamos considerar a *flânerie* como uma forma de uma época e de um lugar específicos, que não existem mais?”. Em 1858, Victor Fournel, citado por Benjamin (1994a, p. 202), comentava o fato de que o *flâneur*, com sua capacidade de observação e em plena posse de sua individualidade, estava sendo substituído pelo *badaud*, ou basbaque, que se impressionaria até a embriaguez e o êxtase com a cena urbana a ponto de se tornar um ser impessoal. A partir desse declínio do *flâneur*, o “fenômeno da banalização do espaço” passaria a ser uma experiência fundamental. “Por força desse fenômeno, tudo o que acontece potencialmente nesse espaço é percebido simultaneamente. O espaço pisca ao *flâneur*: o que terá acontecido em mim? Fica ainda por esclarecer, decerto, como esse fenômeno se relaciona com a banalização” (BENJAMIN, 1994a, p. 188).

À parte a finitude ou transformação do *flâneur*, houve quem tivesse aprendido com ele a arte de perambular pelo espaço urbano para apropriar-se da cidade moderna antes que ela inexoravelmente lhe escapasse. Como um dia escaparia.

## O jornalista

Foi o caso de muitos cronistas e, no contexto brasileiro, foi sem dúvida o caso de João do Rio, considerado por muitos o primeiro jornalista com capacidade de inserir-se nas ruas. E, para Benjamin, “a base social da *flânerie* é o jornalismo. É como *flâneur* que o

literato se dirige ao mercado para se vender” (BENJAMIN, 1994a, p. 225). Sua força de trabalho é o tempo que gasta na contemplação dos bulevares. As novas experiências na cidade são a sua matéria-prima. O espetáculo da cidade o inebria e converte-se em mercadoria para consumo desta massa. Não é à toa que Baudelaire tenha aproximado esse tipo das prostitutas. “Elas provaram os segredos do livre mercado; a mercadoria não leva nenhuma vantagem sobre elas. Alguns de seus atrativos provinham do mercado e se tornaram instrumentos de poder” (BENJAMIN, 1994a, p. 53). Conforme Benjamin, é a mesma atitude que o literato tem ao se dirigir às ruas, através da vitrine do jornal, para vender “a santa prostituição da alma”.

No Brasil, a crônica faria as vezes desta literatura de passagem entre o livro e o jornal, entra a casa e a rua. Marlyse Meyer (CANDIDO, 1992, p. 93-113), procurando traçar uma cronologia do gênero, ressalta o seu caráter difuso. Segundo ela, nos começos do século XIX, *le feuilleton* designava o rodapé da primeira página dos jornais, espaço destinado ao entretenimento e onde valia tudo: contar piadas, propor charadas, oferecer receitas... De espaço vale-tudo, passa, em finais de 1830, a publicar ficção em fatias, com enorme benefício financeiro para os jornais. Mas é no corpo interno do *Jornal do Comércio*, sob a rubrica de *Variedade*, que, em fins de 1830, passa-se a publicar aquilo que viria a dar na crônica: conteúdos variados, matérias traduzidas, resenhas, ficções curtas, poesias, lista de traduções etc. O *romance-folhetim*, “avô de todas as nossas novelas”, continuaria a ocupar o rodapé da página um. Em ambos os casos, *folhetim-variedade* ou *romance-folhetim*, alguns escritores, ao terem que traduzir ou escrever a toque de caixa pelo novo imperativo da velocidade do meio jornal, transpuseram esse modo de escrita para o seu posterior texto de ficção, o que comprova a simbiose estabelecida nesse momento de transição, via folhetim ou crônica, entre a literatura e o jornalismo. Segundo a autora, adotando o tom ligeiro, miúdo, da fala cotidiana, a crônica passou a incorporar também um toque de humor, libertando-se, enfim, do folhetim e passando a ter vida própria, sendo esse um momento crucial para o seu amadurecimento.

A crônica foi, então, a forma oportuna de passagem entre a Literatura e o Jornalismo, subscrevendo um novo estilo, contaminado pelo enquadramento fragmentário da diagramação das folhas, pela pressão dos horários, pela velocidade da própria movimentação das rotativas e em sincronia com os assuntos gerados pelas ruas de uma cidade em ebulição.

E foi como um cronista das ruas que João do Rio, muito antes de Benjamin, colocar-se-ia ao lado do *flâneur*, prefigurando a sua existência ambulante por um Rio de Janeiro que se tornava metrópole.

Para compreender a psicologia da rua não basta gozar-lhe as delícias como se goza o calor do sol e o lirismo do luar. É preciso ter espírito vagabundo, cheio de curiosidades malsãs e os nervos com perpétuo desejo incompreensível, é preciso ser aquele que chamamos *flâneur* e praticar o mais interessante dos esportes – a arte de flunar (JOÃO DO RIO, 2011, p. 31).

E como *flâneur* (este “pedestre da poesia da observação”), o cronista carioca humaniza a rua, atribui à rua uma alma.

Oh! Sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, spleenéticas, *snoobs*, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem pinga de sangue... (JOÃO DO RIO, 2011, p. 34).

Também Machado de Assis, enquanto cronista, ensaiaria seus passos em direção à rua. Com seu olhar fotográfico, percorreu tipos, comportamentos, modas, notícias de jornais, imagens urbanas de um tempo que era voltado para as ruas. A experiência de Machado só poderia ter sido vivenciada no Rio de Janeiro, essa metrópole psíquica, essa cidade “panbrasileira”:

O Rio passa a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade como uma experiência existencial íntima. É nesse momento e graças a essa atuação que o Rio se torna, como o formulou Gilberto Freyre, numa cidade ‘panbrasileira’ (SEVCENKO, 1998, p. 522).

Se o Rio é uma cidade que representa todas as cidades brasileiras, diríamos que a Rua do Ouvidor queria representar Paris. Essa era a rua brasileira que mais se assemelhava à sofisticação das ruas parisienses, muito embora tenha tido uma origem modesta: fora por



muito tempo uma trilha de 6,7 metros de largura e um calçamento de pedras irregulares, denominado pé-de-moleque, por onde desciam os carros de bois vindos das freguesias de fora. Com a vinda da corte portuguesa para o Rio e a imigração dos primeiros colonos franceses, tornara-se um lugar onde florescia o comércio das modas e onde os melhores hotéis, cafés e confeitarias se instalariam (CRULS, 1949, p. 421).

O Ouvidor era famoso precisamente por estes aspectos da protojoia de departamentos comuns na Paris da época: vitrines, variedade, produtos de luxo, *chic* e lazer dentro de uma área fisicamente pequena. Ir a um lugar como este significava *flânerie* e interiorização (identificação pessoal no lazer com as mercadorias expostas), elementos que Benjamin enfatiza como essenciais para a experiência de fantasia fundamental do fetichismo da mercadoria (NEEDELL, 1993, p. 191).

Seria na Rua do Ouvidor que Machado de Assis faria as vezes de um Baudelaire dos trópicos. Ele a percorria diariamente, passando pelas inúmeras livrarias, cafés e redações de jornais que nela existiam. Para Needell, a única via para a respeitabilidade de um mulato com pouca escolaridade e que havia adquirido noções de francês com um confeitoiro era a Rua do Ouvidor. Foi nela que Machado teria estabelecido os primeiros contatos com personalidades que o ajudariam a se tornar famoso, como Paula Brito – o outro mulato que tinha uma livraria e tipografia que era um ponto de encontro para jovens literatos, políticos e jornalistas (NEEDELL, 1993, p. 218-219). “Naturalmente, cansadas as pernas, meto-me no primeiro bonde, que pode trazer-me à casa ou à Rua do Ouvidor, que é onde todos moramos”, escreveu Machado em *A Semana* do dia 2 de janeiro de 1889. Ali, “onde a vida passa um burburinho de todos os dias e de cada hora. Chovem assuntos modernos” (ASSIS *apud* GLEDSON, p. 190). Assim descrevera a capacidade de tal rua de produzir notícias:

Para os que as buscam por todos os recantos da cidade, deve ter sido uma semana trapalhona; para mim, que não as procuro fora da Rua do Ouvidor, a semana foi interessante e plácida. Pode ser que erre; mas ninguém me há de ver pedir notícias em outras ruas. Às vezes perco uma verdade da Rua da Quitanda por uma invenção da Rua do Ouvidor; mas há nesta rua um cunho de boa roda, que dá mais brilho ao exato, e faz parecer exato o inventado (ASSIS *apud* GLEDSON, p. 243).

Já João do Rio criticaria a capacidade de tal rua de produzir boatos. “Vede a rua do Ouvidor. É a fanfarronada em pessoa, exagerando, mentindo, tomando parte em tudo (...).

Esse beco, inferno de pose, de vaidade, de inveja, tem a especialidade da bravata. E, fatalmente oposicionista, criou o boato...” (JOÃO DO RIO, 2011, p. 34).

E a produção de notícias na Rua do Ouvidor era também feita literalmente, uma vez que os jornais ali instalados empregavam muitos literatos que freqüentavam o comércio local e movimentavam as confeitarias e os cafés: “Eles viviam a fantasia da Paris com que todos sonhavam, nos limites da estreita artéria pulsante que era a Rua do Ouvidor”, documenta Needell (1993, p. 221). De fato, essa rua converte-se num símbolo da imitação do estilo de vida que se tinha nos bulevares europeus, com seus passeios diários, os chás nas confeitarias elegantes e uma vestimenta copiada da moda de Paris e de Londres.

Não só a Rua do Ouvidor, esta “artéria da futilidade”, foi descrita pela pena de João do Rio. Também documentaria as ruas da Misericórdia, do Ourives, da Quitanda, das Laranjeiras, de Santa Teresa, entre tantas outras. Se se dirigiu às ruas como um *flâneur* que tinha “o vírus da observação ligado ao da vadiagem (JOÃO DO RIO, 2011, p.31), herdaria dos fisiologistas a capacidade de perfilar também os tipos urbanos, aqueles que faziam das calçadas seu lar. Como, por exemplo, o mercador de livro:

Os vendedores de livros são uma chusma incontável que todas as manhãs se espalha pela cidade, entra nas casas comerciais, sobe aos morros, percorre os subúrbios, estaciona nos lugares de movimento. Há alguns anos, esses vendedores não passavam de meia dúzia de africanos (...). Hoje, há de todas as cores, de todos os feitios, desde os velhos maníacos aos rapazolas indolentes e aos propagandistas da fé (JOÃO DO RIO, 2011, p. 85).

A mesma percepção arguta encontramos em Mário Sette quando faz a fisiologia dos tipos que habitavam o Recife em fins do século XIX, começos do XX. Como neste caso em que perfila os “tocadores de tachos”: “Eram italianos e consertavam panelas, frigideiras, caçarolas e outros utensílios de metal de nomes menos airosos. Andavam pelas ruas, de porta em porta, batendo com um pau nos vasilhames que levavam para reparos” (SETTE, 1981, p. 81).

A arte de descrever tipos urbanos, assim como faziam os fisiologistas em Paris, ou os próprios João do Rio e Mário Sette no contexto brasileiro, converteu-se num gênero jornalístico que está presente nas páginas dos jornais até hoje: o perfil. Conforme Vilas Boas (2003), trata-se de uma narrativa/descritiva de curta duração que enfoca o protagonista de uma história e que teve seu surgimento a partir de 1930, quando jornais e revistas preocuparam-se em retratar figuras humanas. Em fins de 1930, o jornal New Yorker

contratou Joseph Mitchell que se tornou importante por perfilar, tal qual João do Rio e suas “pequenas profissões ignoradas”, estivadores, índios, operários, pescadores, agricultores... Muito embora na atualidade os perfis se dediquem quase sempre a celebridades da mídia, ainda há quem resgate tipos anônimos, buscando no trivial, alguma grandeza. Algo que, sem dúvida, fez João do Rio, este “pedestre da poesia da observação”, que conseguiu reunir, através de sua crônica, as três facetas dos pioneiros escribas da cidade que aqui resgatamos: o fisiologista, o *flâneur* e o jornalista.

### Considerações finais

Buscamos, neste artigo, demonstrar que o jornalista, na forma do cronista, inspirou-se no *flâneur* que, por sua vez, é um tipo derivado do fisiologista. Os três atuaram no palco da cidade, transformando-a na “musa urbana” que inspiraria através de sua expressão caótica e fugidia textos que, embora datados, perdurariam no tempo e ajudariam a entender o papel das ruas na modernidade.

Além da própria forma da crônica ser uma expressão da cidade que se movimenta, que se fragmenta, que se torna coletiva, a cidade em si converte-se em assunto frequente, seja perfilando tipos urbanos (como faziam os fisiologistas), seja declarando seu amor à cidade (como faziam os *flâneurs*). No escrito de tais “poetas da observação” todo um documento do quanto a cidade moderna, com seus fluxos, pedestres, modas, hábitos, costumes, notícias, técnicas, transportes, influenciaram a sensibilidade e o destino daqueles que nela se aventuraram pela primeira vez. E o que esta experiência deixaria de legado para o jornalista que desde então vive sob a égide de que seu lugar é na rua. “Lugar de repórter é na rua”, sintetizou KOTSCHO (1996, p. 12).

Talvez não por muito tempo, uma vez que a cidade volta a ameaçar com seus excessos de gente, de congestionamentos de veículos, de violência urbana, de poluição das mais variadas, fazendo com que o jornalista se retire da rua. O jornalista que um dia aprendeu a arte de flunar para captar as informações que a rua produzia cede lugar ao gerenciador de informações em tempo real, que acumula em si todas as etapas da produção jornalística, e que já não habita as ruas, mas que se recolhe, assolado pelo *frenesi* do instantâneo, para o escritório multiplataforma ou para a casa (*home office*). No espaço domesticado das quatro paredes, recebe informações provindas dos centros de decisões, através dos *releases* (textos enviados pelos assessores de imprensa), das matérias prontas das agências de notícias, nacionais ou internacionais, das informações ciberespaciais, de

bancos de dados, de redes sociais sem que necessariamente seja testemunha primordial dos acontecimentos. E assim o jornalista desabita cada vez mais a cidade, revisitando-a sazonalmente. Mas isso já seria matéria para um outro artigo.

Por enquanto, fazemos apenas o inventário do olhar encantado dos nossos pioneiros rabiscadores da cidade. Na camada mais subterrânea, o fisiologista; na intermediária, o *flâneur*; e por último, o jornalista.

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois ‘fatos’ nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho (BENJAMIN, 1994b, p. 239).

Procuramos neste trabalho, e com a ajuda inestimável de Walter Benjamin, escavar as narrativas dos velhos escribas da cidade do passado (o fisiologista e o *flâneur*) para neles encontrar as marcas sedimentadas do jornalista atual.

## REFERÊNCIAS

ARANTES, Antonio A. “A guerra dos lugares. Mapeando zonas de turbulência”. In: ARANTES, Antonio A (org.). **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2000.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. **Rua de mão única: obras escolhidas volume II**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CRULS, Gastão. **Aparência do Rio de Janeiro**. 2º volume. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.

FEATHERSTONE, Mike. “O flâneur, a cidade e a vida pública virtual”. In: ARANTES, Antonio (org.). **O espaço e a diferença**. Campinas (SP): Papyrus, 2000. p. 186-208.

GLEDSON, John (edição, introdução e notas). **Bons Dias!** crônicas (1888-1889) Machado de Assis. São Paulo: Hucitec, 1996.

JOÃO DO RIO. **A alma encantadora das ruas:** crônicas. 5ª reimpressão. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem.** São Paulo: Ática, 1986. Série Fundamentos.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle époque tropical:** sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. Tradução: Celso Nogueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PAIVA DE LUCA, Heloisa Helena (org.). **Balas de estalo de Machado de Assis.** São Paulo: Annablume, 1998.

SETTE, Mário. **Maxambombas e maracatus.** Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1981.

SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil** (vol. 3). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SÜSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de letras:** literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los.** São Paulo: Summus, 2003.